

## **Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia<sup>1</sup>**

LINO GERALDO RESENDE

“Nossas verdades só nos parecem plausíveis em função de onde estamos situados num dado momento”.

Terry Eagleton

Se pode haver, em relação à história, alguma dúvida da prevalência da ideologia, o mesmo não ocorre em relação à mídia, que vem sendo tratada, há tempo, como meio ideológico por excelência. As teorias da comunicação confirmam e reafirmam esta vertente, começando pela Teoria Hipodérmica<sup>2</sup>, quando atribui à mídia influência direta sobre o pensar das pessoas. A analogia com uma injeção é no sentido de, aplicada, ter efeito imediato. Assim também se daria com a mídia.

As teorias evoluíram, mas a discussão sobre a influência da mídia permanece. Wolf, um dos mais aclamados teóricos da comunicação, afirma que os meios de comunicação são um dos mais poderosos instrumentos de construção da realidade<sup>3</sup>. Desde que tiveram seu papel amplificado, sobretudo a partir da contemporaneidade, os mídia têm servido de espelho para que nos vejamos refletidos. São eles, como frisa Noelle-Newmann, que ditam o que falar, dizendo ao cidadão o que deve ser discutido e, até, como deve ser discutido<sup>4</sup>.

Impõe, no final, como frisa a pesquisadora, uma espiral de silêncio, fazendo com que as minorias percam a voz. No contexto histórico ao qual estamos nos reportando e que o jornal Posição circulou, a imposição do silêncio se dava, também, como frisa muito bem Maria Luiza Tucci Carneiro<sup>5</sup>, pelos próprios instrumentos utilizados pelo poder, dentre os quais se destacava a censura, que se não aparecia para o grande público, era explícita e constante.

---

<sup>1</sup> Capítulo IV da dissertação **Mídia, ditadura e contra-hegemonia – A ação do jornal Posição no ES**, apresentada ao Mestrado em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo em 12 de maio de 2006.

<sup>2</sup> WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa, Editorial Presença, 2002

<sup>3</sup> WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa, Editorial Presença, 2002, p. 72

<sup>4</sup> BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo, Moderna, 1995, p. 207 a 225

<sup>5</sup> CARNEIR, Maria Luiza T. **Minorias silenciadas, a história da censura no Brasil**. São Paulo, Edusp, 2002

Mesmo com os controles ao máximo, o governo militar procurou limitar ao mínimo o espaço institucional da política, o que ocorreu mesmo na chamada distensão, patrocinada pelo governo Geisel, época em que o jornal Posição começou a circular. Apesar de oferecer, fruto das pressões que vinha sofrendo, como observa Thomas Skidmore<sup>6</sup>, uma brecha no forte muro da ditadura, o regime tinha a pretensão de se manter e, para tanto, usando um contexto ideológico, buscava adesão para o que pregava. Parte dessa busca ficava por conta da mídia, controlada pela censura ou, então, por meios econômicos. A reprodução da ideologia dominante foi, neste caso, um trabalho que contou com a ampla participação dos barões da mídia, como se vê no trabalho de Anne Marie Smith<sup>7</sup>.

O que a mídia fazia, de acordo com o estudo de Anne Marie Smith, era fingir que não havia censura e, com raras exceções, alinhar-se ao regime, ajudando-o na construção de uma realidade onde o conflito era substituído, pelo menos na ótica oficial, pelo consenso. O que tínhamos, como assinala Carlos Fico<sup>8</sup>, era uma tentativa da conquista dos corações e mentes dos brasileiros, de forma que os militares não só se legitimassem, mas conseguissem apoio para o seu projeto, que era a manutenção do poder por um longo prazo. A ação dos militares, como assinalam muito bem os pesquisadores citados, era nitidamente ideológica, tal como a da mídia, ao dar suporte ao regime.

Temos, no final, não uma ligação feita através de um ou vários liames, mas verdadeiramente um “casamento” entre mídia e ideologia. Ao mesmo tempo, temos todo um trabalho, feito por intelectuais orgânicos, de busca da consolidação de uma visão de mundo, uma das bases da hegemonia, de acordo com Gramsci. O que buscava o regime? É Gramsci quem responde: “(...)consenso “espontâneo” das grandes massas da população quanto à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante, à vida social”<sup>9</sup>.

Este, de acordo com Gramsci, é um trabalho típico do intelectual orgânico. Também é função do intelectual orgânico, na visão de Gramsci, a construção de uma nova hegemonia e um dos meios que pode ser usado para essa construção é exatamente a mídia, aliás o que o pensador italiano fez quando dirigia o Ordine Nuovo. Configura-se, mais uma vez, a função ideológica da mídia, que pode agir tanto no sentido de consubstanciar o poder, quanto pode investir na sua modificação. Aqui, insere-se não só o trabalho do intelectual orgânico, mas do

---

<sup>6</sup> SKIDMORE, Thomas E. **A lenta via brasileira para a democratização**, in STEPAN, Alfred (Org). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985

<sup>7</sup> SMITH, Anne Marie. **Um acordo forçado**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

<sup>8</sup> FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1997.

<sup>9</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 14

próprio jornal, que pode ser entendido na perspectiva gramsciana como um partido ampliado, o que releva o seu papel ideológico.

Enquanto veículo de oposição – e de esquerda – o jornal Posição tinha interesse em mostrar uma realidade que era diametralmente oposta à apresentada pelo que podemos chamar de “grande mídia”. A busca, assim, era por uma nova hegemonia, o que significava, em primeiro lugar, a remoção dos militares do poder, o que, aliás, não era um desejo só de Posição, mas da chamada imprensa alternativa como um todo, como mostra Bernardo Kucinski<sup>10</sup>, e de uma parcela considerável da sociedade. Jornais alternativos e movimentos sociais, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), para citar apenas um deles, buscavam a construção de uma nova hegemonia e, portanto, inseriam-se em um movimento contra-hegemônico.

A ligação entre a mídia, ideologia e o trabalho de intelectuais é ressaltado por Gramsci quando fala sobre a cultura, sobre os próprios intelectuais e sobre jornalismo. De todos os assuntos que abordou em seus vários escritos, um dos quais Gramsci dedicou bom espaço foi o jornalismo. À atividade jornalística, Gramsci associa o intelectual orgânico e relaciona procedimentos que devem ser adotados para que um jornal atenda o seu público e seja efetivo. Sobre jornalismo, diz:

“O tipo de jornalismo estudado nestas notas é o que poderia ser chamado de “integral” (...), isto é, o jornalismo que não somente pretende satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver tais necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar o seu público e ampliar progressivamente sua área”<sup>11</sup>.

O jornal, assim é formado a partir da existência, “como ponto de partida, de um agrupamento cultural (em sentido lato) mais ou menos homogêneo, de um certo tipo, de um certo nível e, particularmente, com uma certa orientação geral”<sup>12</sup>. É o que aconteceu no caso da criação de Posição. Um grupo de jornalistas, que tinha uma orientação geral decidiu lançar um veículo de comunicação que explorasse um espaço não coberto pela mídia local, que era dar voz aos movimentos sociais, engajar-se em favor da anistia e da constituinte, como frisa Jô Amado<sup>13</sup>, um dos idealizadores do jornal. Posição, neste sentido, nasceu com o sentido da

---

<sup>10</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo, Edusp, 2003.

<sup>11</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 147

<sup>12</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 147

<sup>13</sup> Entrevista com Jô Amado, em 21-12-2005

crítica, focalizando a elite e seus problemas, chamando a atenção para a ação política e mostrando aspectos da realidade local que, sem a existência do jornal, não teriam sido mostradas, segundo acredita o seu primeiro diretor e um dos fundadores, Rogério Medeiros<sup>14</sup>.

Ainda reportando-se ao jornalismo e à organização dos jornais e revistas, Gramsci, depois de comentar as possíveis razões de sucesso de um veículo impresso, assinala que “a orientação redacional deveria ser fortemente organizada, de modo a produzir um trabalho intelectualmente homogêneo, apesar da necessária variedade de estilo e das personalidades”<sup>15</sup>. O que Gramsci busca é que a publicação defina público, linguagem e que apresente aos seus leitores assuntos variados, mas dentro de uma orientação, seguindo uma linha editorial coerente. Esta é uma tarefa dos jornalistas que, no caso, devem não apenas ser produtores das matérias, mas dirigentes – como Gramsci o foi – de sua própria publicação. Mais uma vez pode-se enquadrar Posição neste modelo. Sobre esta questão, Rogério Medeiros explica que o direcionamento dos assuntos que o jornal iria abordar eram dados pelo Conselho Editorial, constituído por jornalistas e outros intelectuais. Os assuntos eram discutido, incluindo-se, nesta discussão, a abordagem a ser feita, buscando-se ressaltar aspectos da realidade local para os quais a “grande mídia” não dava atenção.

A preocupação com o regional enquadra-se em outra diretriz apontada por Gramsci, que considera fundamental a abordagem deste tipo de questões: “Muitos gostariam de conhecer e estudar as situações locais, que sempre interessam muito, mas não sabem como fazê-lo, por onde começar (...) Este trabalho pode ser feito, de diversos pontos de vista, não só para regiões, mas para problemas gerais, de cultura, etc.”<sup>16</sup>. Para comprovar que Posição adotava esta postura basta uma folheada em seus exemplares. Alguns títulos de primeira página podem, neste caso, ser tomados como exemplo, como é o caso da chamada do número 03: Tubarão: o projeto da siderúrgica foi apressado, sem planejamento, sem infra-estrutura. Mas é irreversível. Ou de uma das chamadas do número 09: Ensino. Eleições na universidade. Politicagem nas escolas. Apesar do foco local, o jornal não deixava de falar de assuntos nacionais e internacionais, como pode ser vistos nos quadros que tratam, no Capítulo III, da comparação dos discursos de Posição e do regime, baseado na Doutrina de Segurança Nacional.

Gramsci, ao mesmo tempo em que traça diretrizes para o lançamento e direção de um jornal, atribui grande importância ao papel da imprensa, de um modo geral. Dela, diz ser um

---

<sup>14</sup> Entrevista com Rogério Medeiros, em 27-12-2005

<sup>15</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 154

<sup>16</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 157

partido ampliado, no sentido de, como um partido, lutar por um determinado objetivo. Coloca, ainda, o jornal dentro do que chamou de aparelhos privados de hegemonia, já que a mídia ajuda na construção e na manutenção da hegemonia. Pode, por outro lado, exercer um papel contra-hegemônico, contribuindo, neste caso, para a substituição de uma hegemonia por outra. Neste caso, através do trabalho dos intelectuais orgânicos, ajuda na difusão de uma nova ideologia, com o objetivo de torná-la senso comum e entranhá-la na sociedade civil de tal forma que se transforme em visão de mundo das várias classes sociais.

O que Gramsci teoriza, baseado na sua própria experiência de ação política, é que, em primeiro lugar, um jornal pode ser usado como um partido ampliado, buscando alargar a ação de conquista do poder mediante a construção de uma nova hegemonia e, portanto, da instalação de uma nova ideologia. Em segundo lugar, liga a ação do jornal à dos intelectuais orgânicos, chaves no processo de estabelecimento de uma nova hegemonia ou na manutenção da existente. Neste caso, cita Benedetto Croce, um dos mais conhecidos intelectuais da Itália no início do século XX, cuja ação foi, sempre, no sentido de manter a hegemonia existente. Em terceiro lugar, Gramsci afirma que não há um único caminho para a construção desta nova ideologia e da nova hegemonia. O trabalho deve ser multifacetado, pois

“Não basta a premissa da “difusão orgânica, por um centro homogêneo, de um modo de pensar e de agir homogêneo. O mesmo raio luminoso, passando por prismas diversos, dá refrações de luz diversas: se se pretende obter a mesma refração é necessária toda uma série de retificações nos prismas singulares. (...) é necessária a adaptação de cada conceito às diversas peculiaridades e tradições culturais”<sup>17</sup>.

Ao intelectual, que “é um profissional especializado (skilled) que conhece o funcionamento de “máquinas” próprias especializadas”<sup>18</sup> cabem a “apresentação e representação em todos os seus aspectos positivos e em suas negações tradicionais, relacionando sempre cada aspecto parcial à totalidade”<sup>19</sup>, o que vai levar à formação de uma consciência crítica e, portanto, ajudar na construção da nova hegemonia. O papel do jornal integra-se, aqui, ao do jornalista. Os dois, no entender de Gramsci, podem – e devem – exercer um papel de formação de uma cultura, criando uma nova consciência, ajudando na

---

<sup>17</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 158-159

<sup>18</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 159

<sup>19</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 160

difusão e implantação de uma nova ideologia e, como consequência deste trabalho, construindo uma nova hegemonia.

Quem é intelectual? O que são intelectuais orgânicos? Para se trabalhar com o conceito gramsciano de intelectual é essencial dar respostas às duas perguntas. No caso da primeira, o seu conceito é revolucionário, já que não reduziu o intelectual ao homem de letra, mas afirma que todos são intelectuais e o que os diferenciam é a função que exercem. Gramsci ampliou o conceito de intelectual, dando-lhe um caráter de formulador. O intelectual surgido desta formulação é absolutamente original, pois não guarda nenhum traço do que, antes, se pensava dele: um homem reflexivo, que procurava de longe explicar o mundo, não transformá-lo. Assim, mudando o conceito de intelectual, é possível responder à segunda questão. Orgânico, em síntese, é o intelectual que participa, que age, que ajuda na formulação de uma nova hegemonia ou se engaja na manutenção da hegemonia existente. De um lado e do outro, a organicidade vem do comprometimento, da participação, na formulação de idéia que ajudem na ação política, seja ela hegemônica ou contra-hegemônica.

Há, ainda, por destacar nesta nova formulação o seu valor revolucionário, já que Gramsci, ao afirmar que todos somos intelectuais, acaba com uma pretensa divisão do trabalho, mostrando que o intelectual é também um trabalhador que vende o seu próprio trabalho. Ao mesmo tempo em que amplia a ação do intelectual, Gramsci o recoloca junto de uma classe, ligando-a a ela e diferenciando-o apenas em função das tarefas que irá exercer. Neste sentido, o trabalho intelectual não existe por si só, mas é uma função que se exerce no dia-a-dia, na organização, na difusão de idéias e na ação.

Olhando o intelectual dentro do conceito ampliado, Gramsci pode dizer que “cada grupo social (...) cria para si, ao mesmo tempo e de modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e a consciência da própria função”<sup>20</sup> e é neste momento que Gramsci explica que os camponeses, por não possuírem seus intelectuais orgânicos, acabam sem uma identificação de classe e, por isso, ligada às classes hegemônicas.

Reforçando a classificação de que não existem não intelectuais, Gramsci comenta:

“Na verdade, o operário ou o proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais (...) em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um

---

<sup>20</sup> GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 7

mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora”<sup>21</sup>.

O intelectual orgânico está intimamente ligado ao trabalho de construção de uma nova visão de mundo e se contrapõe ao intelectual tradicional, desligado de sua classe e que se julga autônomo em relação à sociedade civil. Gramsci traça os papéis que os intelectuais orgânicos devem representar e um deles é ligar os elos da superestrutura mediante a interpretação do senso comum e visando a transformar a ideologia que perpassa a sociedade civil em hegemônica, unindo, assim, a sociedade em torno de um objetivo político.

Gramsci explica:

“Poder-se-ia medir a “organicidade” dos diversos estratos intelectuais, sua mais ou menos estreita conexão com um grupo social fundamental, fixando uma gradação das funções e das superestruturas de baixo para cima (da base estrutural para cima). Por enquanto pode-se fixar dois grandes “planos” superestruturais: o que pode ser chamado de “sociedade civil” (isto é, o conjunto de organismos chamados comumente de “privados”) e da “sociedade política ou Estado”, que correspondem à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “justo”<sup>22</sup>.

A tarefa final do intelectual seria, mesmo, a de criação e organização de uma cultura, contribuindo para o surgimento e consolidação de uma ideologia, que vai, conforme afirma o próprio Gramsci, perpassar toda a sociedade, dando-lhe solidez e fazendo com que haja, por parte do grupo de comando, hegemonia. Toda a análise e conceituação de Gramsci partiu da situação italiana e da dominação do Norte sobre o Sul do país, incluindo-se sua própria região. As formulações levam em conta, ainda, o momento histórico e político, com a esquerda tentando e não conseguindo chegar ao poder. Consideram, também, a dificuldade de alianças entre os vários grupos sociais, o que dificultava a ação política de quem não compunha o bloco de poder e não estava inserido no momento hegemônico.

Gramsci, valendo-se da hierarquização que fez dos intelectuais, coloca os professores e jornalistas – que havia criticado antes, dizendo serem pretensos intelectuais – em um

---

<sup>21</sup> GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 10

<sup>22</sup> GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, p. 12-13

primeiro nível de organicidade. E isto se dá por serem os dois instrumentos de ensino e de mudança, com o ensino marcando, mais ainda, a função do professor, que se transforma em um formador de novos intelectuais e, com isso, pode contribuir para que os formados sejam orgânicos, não tradicionais. O que é necessário ver, então, é se os jornalistas de Posição se enquadram na categoria de orgânicos e se fizeram, com a publicação do jornal, um trabalho contra-hegemônico, buscando a construção de uma nova ideologia, de uma nova hegemonia.

O trabalho contra-hegemônico exercido por Posição está demonstrado no Capítulo III, contrapondo-se o seu discurso, através do que foi expresso em suas capas, ao discurso do regime. O próprio discurso adotado pelo jornal pode servir para medir a organicidade dos intelectuais que nele atuaram ao longo de suas 65 edições. A este respeito, reportemo-nos a Dominique Maingueneau<sup>23</sup> que, ao apontar princípios para a análise dos discursos, nos remete a duas leis que indicam ser o discurso orientado e uma forma de ação. Sobre o primeiro ponto, afirma: “O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar”<sup>24</sup>. No segundo, porque “falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas representação do mundo”<sup>25</sup>. O autor ressalta, a seguir, que “toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar, etc.) que visa a modificar uma situação”<sup>26</sup>. O discurso, neste caso, destina-se a produzir uma modificação nos destinatários. Tanto em um, como no outro caso pode-se enquadrar o discurso jornalístico, de uma maneira geral, e o de Posição, em particular. O jornal, a se basear na conceituação de Maingueneau, construiu o seu discurso com o sentido claro de produzir uma modificação na postura de seus leitores, oferecendo-lhes uma visão crítica do momento histórico vivido no Espírito Santo e, a partir dela, ajudando na reflexão sobre a ação do regime, contribuindo para a sua desconstrução e, com isso, participando da disseminação de uma nova ideologia, antepondo-se à ditadura.

Esta postura é reforçada no depoimento de Jô Amado, Editor Chefe do jornal. “Naquela época (em que o jornal Posição foi criado) a prioridade política na luta contra a ditadura obedecia basicamente a dois temas: a) anistia aos presos políticos; e b) denúncia e

---

<sup>23</sup> MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo, Cortez Editora, 2002, 2ª edição

<sup>24</sup> MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo, Cortez Editora, 2002, 2ª edição, p. 52

<sup>25</sup> MAINGUENEAU, Dominique. **Análise dos textos de comunicação**. São Paulo, Cortez Editora, 2002, 2ª edição, p. 53

<sup>26</sup> MAINGUENEAU, Dominique. **Análise dos textos de comunicação**. São Paulo, Cortez Editora, 2002, 2ª edição, p. 53

luta contra a censura”<sup>27</sup>. Robson Moreira, um dos primeiros integrantes da redação e que no final da vida de Posição foi seu diretor, assinala que a idéia que perpassava o jornal “era dizer, em função de uma determinada realidade, tudo aquilo que há muito não era dito”<sup>28</sup>, acrescentando que havia um trabalho de integração com os movimentos sociais. “Não fazíamos para eles, mas, por meio do jornal, falávamos dos problemas e que, se eles se organizassem, poderiam conquistar a vida que estavam necessitando”<sup>29</sup>.

Nos dois casos fica claro o engajamento dos jornalistas em um trabalho que buscava expor os problemas do regime, mediante a divulgação do que ocorria no Espírito Santo e, ao mesmo tempo, o comprometimento deles com a mudança, duas das condições essenciais, segundo Gramsci, para se classificar um intelectual como orgânico. Outra mostra do engajamento é a composição do próprio Conselho Editorial do jornal. Em uma de suas fases, conforme relata Tadeu César, em “uma reunião dos colaboradores do jornal propusemos a criação de um grande conselho editorial com a participação de deputados estaduais do MDB, de integrantes do movimento Justiça e Paz, da OAB, de intelectuais engajados, de lideranças do movimento estudantil que se encontrava em reorganização, de sindicalistas, etc.”<sup>30</sup>. Com a inserção dos movimentos sociais no Conselho Editorial Posição ampliou sua ligação com estes movimentos, iniciado desde o primeiro número, conforme afirma Jô Amado: “Havia uma integração efetiva com os movimentos sociais (centros comunitários), com sindicatos, com setores das igrejas – no caso específico da igreja católica, éramos muito próximos da Comissão de Justiça e Paz”<sup>31</sup>.

Umberto Martins, outro dos colaboradores do jornal e que também foi seu Editor, é mais claro quanto fala da ligação de Posição com os movimentos sociais. “O jornal”, afirma, “buscava representar anseios e opiniões dos movimentos sociais, bem como do MDB e personalidades que faziam oposição ao regime militar”<sup>32</sup>. Martins reconhece que os partidos de esquerda, na época na ilegalidade, exerciam influência sobre o jornal, mas ressalta que ele também tinha influências do MDB, o partido legal de oposição, fornecendo a indispensável ligação política que Gramsci atribui ao intelectual orgânico.

---

<sup>27</sup> Entrevista com Jô Amado, em 21-12-2005

<sup>28</sup> TRINDADE, Carlos Calenti et alli. **Jornalismo alternativo: da década de 40 aos dias atuais**, in MARTINUZZO, José Antônio (Org). **Impressões capixabas – 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória, UFES-Departamento de Imprensa Oficial, 2005, p. 292

<sup>29</sup> TRINDADE, Carlos Calenti et alli. **Jornalismo alternativo: da década de 40 aos dias atuais**, in MARTINUZZO, José Antônio (Org). **Impressões capixabas – 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória, UFES-Departamento de Imprensa Oficial, 2005, p. 292

<sup>30</sup> Entrevista com Benedito Tadeu César, em 25-01-2006

<sup>31</sup> Entrevista com Jô Amado, em 21-12-2005

<sup>32</sup> Entrevista com Umberto Martins, em 24-01-2006

O caráter de oposição e, portanto, de luta contra-hegemônica, é ressaltado por Rogério Medeiros<sup>33</sup> ao lembrar que o jornal se focou nos problemas estaduais, incluindo os políticos, e mirou a elite, que estava no poder ou que dava suporte a ele. O próprio Medeiros era o encarregado de escrever as matérias políticas devido – reconhece - ao maior trânsito que tinha e ao conhecimento do mundo político local. Este caráter é reforçado por César, ao lembrar que, no caso do Espírito Santo, Posição era a única publicação regular que fazia oposição ao regime, destacando que o jornal “cumpria um papel político muito importante no ES, já que era o único jornal de resistência à ditadura no estado e, conseqüentemente, o único canal de enfrentamento ao status-quo dominante”<sup>34</sup>, daí entender que Posição ajudou a “compor uma consciência crítica à ditadura e, mesmo com os tropeços sectários, inerentes ao próprio momento em que vivíamos, contribuímos para a construção de uma consciência democrática no Espírito Santo”<sup>35</sup>. Marca-se, assim, um dos outros aspectos da atuação orgânica dos intelectuais que compunham Posição, engajados na construção de uma nova hegemonia mediante uma atuação política clara.

O engajamento, seja mediante críticas ao governo e ao regime, seja pela ligação com os movimentos sociais, é reconhecido pelos que participaram de Posição, tenham exercido cargos de chefia ou não. Martins, Amado, Medeiros, César, Moreira e, fora do rol de jornalistas, Araújo, deixam clara a ligação do jornal com, em primeiro lugar, a oposição constituída no Estado, mediante abertura de canais para o MDB, que tinha pouco acesso à grande imprensa. O jornal dava voz aos movimentos sociais, denunciando, dentre outras coisas, a favelização da Grande Vitória. O discurso de Posição, neste caso e como destaca Maingueneau, é marcado por uma ação de contraposição ao regime, o que nos leva a afirmar que era contra-hegemônico e marca a atuação dos intelectuais que nele atuavam como orgânicos.

Na linha do uso do discurso para mostrar o trabalho orgânico dos intelectuais de Posição, outro suporte são os editoriais do jornal. Como destaca Jean-François Tétu “o editorial mostra mais que qualquer outra parte do jornal, dado que seu papel é o de informar, ao mesmo tempo, sobre o mundo e sobre a maneira através da qual se deve percebê-lo”<sup>36</sup>, aduzindo que o jornal constrói o acontecimento e, por isso, “o editorial o indica claramente”. O editorial, assim, não apenas diz o conteúdo do jornal, mas remete o leitor à sua

---

<sup>33</sup> Entrevista com Rogério Medeiros, em 27-12-2005

<sup>34</sup> Entrevista com Benedito Tadeu César, em 25-01-2006

<sup>35</sup> Entrevista com Benedito Tadeu César, em 25-01-2006

<sup>36</sup> TÉTU, Jean-François. **Le Monde e Liberation em perspectiva**, in MOUILLAUD, Maurice, e PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília, Editora UNB, 2002, 2ª edição, p. 192.

interpretação, como ele deve ser lido e os objetivos buscados no variado material que compõe, na diversidade, a unidade de sentido deste dispositivo, como lembra Mouillaud<sup>37</sup>.

Assim, os editoriais de Posição servem para mostrar a sua ação contra-hegemônica, uma vertente que não adotamos nesta pesquisa. Servem, também, para indicar uma ação orgânica dos intelectuais que o integraram, refletindo o seu engajamento político e a busca de transformação social, o que se configura, no final, como um trabalho contra-hegemônico do próprio jornal e daqueles que o integram. Veja-se o que disse o Editorial do numero 05:

“(...) a crise camuflada que se vinha arrastando há meses tende a assumir, cada vez mais, claramente, os contornos concretos de uma recessão econômica. Ontem, as pessoas se queixavam da falta de feijão, do preço dos alimentos, da alta do aluguel, do nível dos salários. Hoje, o fantasma do desemprego passa a ocupar o lugar principal nas preocupações do povo”.

A orientação do discurso, na linha defendida por Maingueneu, é clara e objetiva desconstituir a imagem de desenvolvimento econômico, da ausência de problemas e de consenso entre a população brasileira em face do regime e da Doutrina de Segurança Nacional que adotava. O discurso reafirma, também, o engajamento do jornal e dos intelectuais que o compunham, destacando um aspecto do real que não era abordado pela chamada grande mídia, pela existência da censura oficial ou por seu alinhamento com o bloco de poder, visando à manutenção de uma hegemonia.

Esta postura é reforçada por outros editoriais, como o do numero 16:

“(...) passamos mais de seis meses abordando temas “tabus” para o restante da imprensa capixaba: revelando a face escondida de grandes grupos econômicos estrangeiros, denunciando desmandos – crônicos e reincidentes – de representantes do Poder Público; noticiando conluios entre abastados particulares e empresas do governo (...) ou divulgando ilegalidades, iniquidades, irregularidades cometidas em nome da Justiça”.

---

<sup>37</sup> MOUILLAUD, Maurice, e PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília, Editora UNB, 2002, 2ª edição

O que o jornal buscava, desde o seu início, como ressalta Martins era a “democratização das relações políticas no Estado e um fortalecimento de um pensamento e de forças progressistas, a exemplo de outras publicações parecidas (em geral alternativas) elaboradas noutros Estados e regiões do país e/ou de circulação nacional (caso dos jornais Movimento e Opinião)”<sup>38</sup>. Por isso, segundo ainda Martins, o jornal era hostil às forças da direita “da mesma forma que o jornal era hostil à ditadura e seus representantes no Estado”<sup>39</sup>, o que resultava no que ele chama ódio destes segmentos à publicação.

Ao contrapor-se ao regime, mediante a escolha de informações que não eram veiculadas na chamada grande mídia, os jornalistas de Posição, além do trabalho técnico, no sentido gramsciano, realizavam, também, um trabalho que visava à mudança e, portanto, de construção de uma nova hegemonia. Como frisam os integrantes do jornal – Amado, Martins, César, Moreira e Medeiros – Posição investia na conscientização da necessidade de democratização do país. Defendia, assim, a democracia, que se opunha à ideologia do regime, baseada na Doutrina de Segurança Nacional.

O que os jornalistas, já apontados por Gramsci como intelectuais que podem ter uma atuação orgânica, fizeram foi imiscuírem-se ativamente na vida prática, como construtores, organizadores, persuasores permanentes. Se os intelectuais são “funcionários” da superestrutura, a ligação deles com o contexto social, que é diversificado, pode se dar, ainda de acordo com o conceito gramsciano, do lado da sociedade civil ou da sociedade política. Como Gramsci relaciona a sociedade política ao Estado, ao poder, os intelectuais alinhados a ela seriam, no caso, os reprodutores da hegemonia, lutando pela manutenção do poder das classes que já o têm. De outro lado – e aqui estão os jornalistas que integraram o jornal Posição – ao alinharem-se à sociedade civil, os intelectuais orgânicos passam a exercer um papel contra-hegemônico, isto é, passam a trabalhar no sentido de construção de uma nova hegemonia e, portanto, da formação de uma nova sociedade política. Como frisa Beired<sup>40</sup>, na teoria gramsciana os intelectuais podem exercer papéis de conservação ou de transformação. Em ambos os casos, eles têm atuação orgânica. “A análise de Gramsci detém-se na demonstração do papel – conservador ou transformador – do intelectual como figura que organiza a cultura e os homens; que articula o centro do aparelho estatal de poder com o

---

<sup>38</sup> Entrevista com Umberto Martins, em 24-01-2005

<sup>39</sup> Entrevista com Umberto Martins, em 24-11-2005

<sup>40</sup> BEIRED, José Luís Bendicho. **A função social dos intelectuais**, in AGGIO, Alberto. **Gramsci, a vitalidade de um pensamento**. São Paulo, Unesp, 1998.

restante do corpo social; e que ao produzir ideologia fornece consciência e homogeneidade às classes que representa”<sup>41</sup>, afirma Beired.

No caso do jornal Posição, pela postura adotada pela publicação, pelo engajamento dos seus jornalistas e pela ação por eles exercidas, podemos afirmar, tomando o conceito desenvolvido por Gramsci, que estamos diante de um trabalho orgânico, inserido em um contexto social e histórico delimitado e que, por se engajarem e difundirem uma nova ideologia – a da democratização – os jornalistas de Posição podem ser considerados intelectuais orgânicos. A demonstração dessa organicidade é dada pelo discurso da publicação, pelo engajamento de seus jornalistas e pela integração aos movimentos sociais que buscavam a mudança da hegemonia vigente. O trabalho orgânico, de criação de uma nova hegemonia, pressupõe um engajamento ideológico – o que, conforme relatam os integrantes do jornal, aconteceu com Posição. A ideologia serve, assim, de pano de fundo para o trabalho político e orgânico, em todos os seus níveis, realizado pelos intelectuais.

Se a ideologia representa um papel importante, como é que Gramsci a vê? A ideologia, responde Gramsci, nos Cadernos do Cárcere, “é a unidade entre uma concepção de mundo e uma norma de conduta adequada a ela”<sup>42</sup>. Coutinho afirma que para Gramsci “a ideologia é algo que transcende o conhecimento e já se articula diretamente com a prática, com a política”<sup>43</sup>. Já Badaloni afirma que o conceito “busca dar às “crenças” (ou, como ele diz, às “ideologias”) um significado ativo, criador, precisamente porque aparecem como elemento organizador da coletividade”<sup>44</sup>. A ideologia, então, ganha importância e significação no trabalho hegemônico e contra-hegemônico. Cabe aos intelectuais orgânicos a formulação de ações que, de um lado, confirmem um determinado bloco histórico ou, então, que estabeleçam diretrizes para a sua substituição, instalando-se uma nova hegemonia, um trabalho feito pelo jornal Posição e pelos intelectuais orgânicos que o integravam. Pizzorno ajuda no entendimento de como Gramsci vê a ideologia ao afirmar que “quando a ideologia adquire “a solidez das crenças populares” (segundo uma expressão de Marx), então se unifica um bloco social, se constitui um bloco histórico (quer dizer, se realiza um sistema social integrado”<sup>45</sup>.

---

<sup>41</sup> BEIRED, José Luís Bendicho. **A função social dos intelectuais**, in AGGIO, Alberto. **Gramsci, a vitalidade de um pensamento**. São Paulo, Unesp, 1998, p. 127

<sup>42</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, apud COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre, L&PM Editores, 1981, p. 83

<sup>43</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre, L&PM Editores, 1981, p. 84

<sup>44</sup> BADALONI, Nicola. **Gramsci e a filosofia da práxis como previsão**, in HOBBSBAWN, Eric. **História do Marxismo**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, Vol. 10, 1997, p. 48

<sup>45</sup> PIZZORNO, Alexandre. **Sobre el método de Gramsci**, in GALLINO, Luciano. **Gramsci e las ciencias sociales**, Cordoba, 1979, p. 51

O que a ideologia faz, na concepção gramsciana, que é positiva, é “dar coerência a um partido, a um grupo, a uma sociedade, vale dizer, de constituir princípios de distinção e de coesão internas”<sup>46</sup>. Somente com a ideologia entranhada no meio social é que se torna possível tornar unitária e coerente a visão de mundo. Se tal não for realizado, afirma Pizzorno, a incoerência pode levar a “múltiplas influências negativas no plano da conduta moral, da vontade, até ao ponto de impedir totalmente a ação e decisão e produzir um estado de passividade moral e política”<sup>47</sup>. Se há uma coisa que Gramsci não aceita é a passividade, ao ponto de chegar a dizer que odiava os indiferentes por entender que viver significava tomar partido.

A importância da ideologia para as formulações de Gramsci é destacada por Eagleton<sup>48</sup> ao dizer que o conceito de hegemonia inclui a ideologia, mas não pode ser reduzida a ela. “A hegemonia”, afirma Eagleton, “então, não é apenas um tipo bem sucedido de ideologia, mas pode ser decomposta em seus vários aspectos ideológicos, culturais, políticos e econômicos”<sup>49</sup>. É exatamente a existência de vários eixos dentro de uma ideologia – e que levam à busca de hegemonia – que torna o trabalho do intelectual orgânico mais importante. Dentro de um jornal, como educador, como criador de novos significados e novos simbolismos, ele ajuda na construção desta hegemonia. O que Gramsci fez, ressalta Eagleton, foi efetuar uma “transição crucial de ideologia como “sistemas de idéias” para ideologia como prática social vivida, habitual – que, então, deve abranger as dimensões inconscientes, inarticuladas da experiência social, além do funcionamento das instituições formais”<sup>50</sup>. O que a ideologia fornece à hegemonia é a possibilidade dela permanecer invisível, disseminada por toda textura da vida social, naturalizada como costume, hábito, prática espontânea. Evitando se mostrar, nos diz Eagleton, o poder evita contestação, dificultando, com isso, o trabalho contra-hegemônico.

Como há - como demonstra Eagleton - uma ligação estreita da hegemonia com a ideologia, o trabalho dos intelectuais orgânicos é, também, um trabalho ideológico. Na construção de uma nova hegemonia – portanto, em um trabalho contra-hegemônico – o que fazem é desconstituir a hegemonia dominante para a implantação de uma nova. A ação orgânica torna-se, assim, ação política, já que visa à mudança do bloco de poder, e assume o

---

<sup>46</sup> PIZZORNO, Alexandre. **Sobre el método de Gramsci**, in GALLINO, Luciano. **Gramsci e las ciencias sociales**, Córdoba, 1979, p. 52

<sup>47</sup> GALLINO, Luciano. **Gramsci e las ciencias sociales**. Córdoba, se, 1979, p. 38

<sup>48</sup> EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo, Boitempo-Unesp, 1997, p. 105

<sup>49</sup> EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo, Boitempo-Unesp, 1997, p. 106

<sup>50</sup> EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo, Boitempo-Unesp, 1997, p. 107

seu caráter ideológico, de pregação de uma nova hegemonia e de uma nova visão de mundo, que tende a ser naturalizada em um corte transversal que perpassa todos os estratos sociais.

A ideologia, assim, além de servir de pano de fundo para toda ação dos intelectuais orgânicos e dos aparelhos privados de hegemonia, dentre os quais podemos destacar a mídia, está no cerne da atuação orgânica dos intelectuais. Temos, aqui, como afirma Zizek, a ideologia “como matriz geradora do que regula a relação entre o visível e o invisível, o imaginável e o inimaginável, bem como as mudanças nessa relação”<sup>51</sup>. É essa a construção a que o intelectual orgânico se dedica. A ideologia, por se muito mais do que um sistema de crenças, por fornecer a própria base de subjetivação, está no cerne do trabalho contra-hegemônico e oferece o suporte e as ferramentas com que o intelectual orgânico trabalha.

No caso do jornal Posição, estas vertentes estão claras. Tomando-se como base as entrevistas dos integrantes do jornal, eles adotaram uma posição política clara, de oposição ao regime e integraram correntes sociais que buscavam uma nova hegemonia, atuando como críticos, expondo problemas do regime e, exercendo as leis do discurso, dando ao que o jornal publicava um sentido contra-hegemônico. A base de tudo o que foi feito está, em relação ao momento histórico específico, na democracia, uma forma de governo, mas também um sistema ideológico que se contrapunha à política do regime, desenvolvida a partir das diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional.

O grande feito da ideologia, como lembra Pêcheux<sup>52</sup>, é tornar-se invisível, já que opera ocultando sua própria existência. E é exatamente por isso que a questão ideológica precisa ser examinada, mostrando que ela existe, exerce influência e oferece a base para um trabalho de contra-hegemonia, buscando, no entender de Gramsci, tornar-se senso comum, entranhada no tecido social e criar uma nova concepção de mundo. Quando isso ocorre, tem-se uma nova hegemonia. E foi o que aconteceu no Brasil com o fim do regime civil militar. Posição e seus jornalistas participaram, ao longo do tempo de circulação do jornal, da construção desta nova hegemonia, que culminou com a democratização do país.

---

<sup>51</sup> ZIZEK, Slavoj. **O espectro da ideologia**, in ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996, p. 7

<sup>52</sup> PÉCHEUX, Michel. **O mecanismo de (des)conhecimento ideológico**, in ZIZEK, Slavoj (Org). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996, p. 148

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADALONI, Nicola. **Gramsci e a filosofia da práxis como previsão**, in HOBBSBORN, Eric. **História do Marxismo**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, Vol. 10, 1997

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo, Moderna, 1995<sup>1</sup> CARNEIR, Maria Luiza T. **Minorias silenciadas, a história da censura no Brasil**. São Paulo, Edusp, 2002

BEIRED, José Luís Bendicho. **A função social dos intelectuais**, in AGGIO, Alberto. **Gramsci, a vitalidade de um pensamento**. São Paulo, Unesp, 1998.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre, L&PM Editores, 1981

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo, Boitempo-Unesp, 1997

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1997.

GALLINO, Luciano. **Gramsci e las ciencias sociales**. Córdoba, s/e, 1979

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**, apud COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre, L&PM Editores, 1981

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo, Círculo do Livro, s/d

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo, Edusp, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo, Cortez Editora, 2002, 2ª edição

MOUILLAUD, Maurice, e PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília, Editora UNB, 2002, 2ª edição

PÊCHEUX, Michel. **O mecanismo de (des)conhecimento ideológico**, in ZIZEK, Slavoj (Org). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996

PIZZORNO, Alexandre. **Sobre el método de Gramsci**, in GALLINO, Luciano. **Gramsci e las ciencias sociales**, Cordoba, 1979

SKIDMORE, Thomas E. **A lenta via brasileira para a democratização**, in STEPAN, Alfred (Org). **Democratizando o Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985

SMITH, Anne Marie. **Um acordo forçado**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000.

TÉTU, Jean-François. **Le Monde e Liberation em perspectiva**, in MOUILLAUD, Maurice, e PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs). **O jornal da forma ao sentido**. Brasília, Editora UNB, 2002, 2ª edição.

TRINDADE, Carlos Calenti et alli. **Jornalismo alternativo: da década de 40 aos dias atuais**, in MARTINUZZO, José Antônio (Org). **Impressões capixabas – 165 anos de jornalismo no Espírito Santo**. Vitória, UFES-Departamento de Imprensa Oficial, 2005

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa, Editorial Presença, 2002

ZIZEK, Slavoj. **O espectro da ideologia**, in ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996